

## EDITORIAL

### A INTERDISCIPLINARIDADE E OS SEUS DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS, LÓGICAS E PRÁTICAS E PRÁTICAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS DIALÓGICAS EFETIVAS

Maristela Barenco Corrêa de Mello<sup>1</sup>  
Amanda de Oliveira Rabelo<sup>2</sup>

O objetivo desta publicação é forjar um campo de reflexão em torno da problemática da interdisciplinaridade – um conceito extremamente desafiante, nas perspectivas teórico-práticas, que tem sido utilizado mais como adjetivo e complemento, agregador de um determinado contexto, tendo em vista a sua validação, do que em sua lógica e em suas possibilidades efetivas. O conceito de interdisciplinaridade tornou-se um termo quase obrigatório em ciência, mas cuja polissemia e uso irrestrito e genérico o enfraquecem, sobretudo em um cenário de hiperespecializações.

O filósofo espanhol, Jorge Larrosa, chama a atenção para a contradição de um mundo acadêmico compartimentalizado que cria especialidades para tratarem de uma “política acadêmica de mestiçagem” (Larrosa, 2003). Para ele, é “[...] como se além das raças puras estivéssemos inventando os especialistas em impurezas, quer dizer, nas relações entre as raças puras” (Larrosa, 2003, p. 106). Aqui vem o primeiro desafio que a temática se nos coloca: como trabalhar a lógica do diálogo sem que este campo seja mais um compartimento a ser superado?

O biólogo do conhecimento, Humberto Maturana, postula que “[...] todos os conceitos e afirmações sobre os quais não temos refletido, e que aceitamos como se significassem algo simplesmente porque parece que todo mundo os entende, são antolhos” (Maturana, 2005, p. 15).

Neste sentido, ao invés de termos o nosso olhar conduzido pelos antolhos (que são as peças com que se cobre os olhos dos animais lateralmente, forçando-os a olhar em apenas uma direção), visamos direcionar a mirada de forma ampla, ou seja, o objetivo é garantir a pluralidade das formas de entender o conceito, mas buscar aprofundá-lo, tanto em seu debate epistemológico – que é aquele que possibilita pensá-lo em suas condições de constituição –, quanto em seus sentidos político-pedagógicos, curriculares, metodológicos e da prática pedagógica do docente, indo além da crítica à tradição disciplinar que se estruturou nos últimos três séculos.

---

1Doutora em Meio Ambiente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0634-7112> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6526543800131536>

E-mail: [maristelabarenco@gmail.com](mailto:maristelabarenco@gmail.com)

2Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Aveiro. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6488-3138>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0130901342980541> E-mail: [amandaorabelo@hotmail.com](mailto:amandaorabelo@hotmail.com)

Sem dúvida, a proposição da interdisciplinaridade como base nacional curricular implica no reconhecimento da importância de sua implementação teórico-prática como parâmetro intrínseco à produção de conhecimento. Mas, sobretudo, sua proposição implica no reconhecimento da necessidade de se restituir à vida a sua interdependência irreduzível e da superação de uma episteme que a subtrai e a simplifica. Ao longo da história, esta vem conduzindo ao individualismo e à afirmação de territórios de poder, que nada têm a ver com a perspectiva da escola como espaço de saber democrático.

Para além de toda esta discussão, o cenário que nos desafia a pensar, hoje, a interdisciplinaridade, é também o planetário, em que civilização democrática parece ruir, em que projetos de mundo se antagonizam de forma irreconciliável, possibilitando a emergência de uma violência de cunho estrutural, que perpassa as formas de sentir, de pensar, dizer, se relacionar, fazer e governar. Temos ciência de que o saber disciplinar e a tendência à hiperespecialização contribuem para que um diálogo para além das disciplinas seja mais um conceito (na perspectiva dos antolhos como disse Maturana) do que uma prática político-pedagógica, assim como a não dialogicidade entre as disciplinas fortalece as tendências à uniformidade e à homogeneidade nas formas de pensar.

Neste contexto, de que forma a interdisciplinaridade, como práxis, pode ser uma metodologia na promoção de um diálogo e um acordo planetário mínimo? E como pode, também, contribuir para saltarmos diante desta polarização ideológica, cuja consequência é o crescimento de um abismo político, social e econômico e a exclusão de parte da humanidade? O ineditismo desta publicação consiste em reunir artigos, também de forma interdisciplinar, que evidenciem a contribuição da Academia ao debate político-pedagógico e quiçá sócio-histórico planetário, colocando-se a serviço da superação de uma crise que atinge o cerne da vida.

Assim, iniciamos a publicação com o artigo de Krishna Neffa e Elza Neffa Vieira, intitulado “Educação da Práxis: uma proposta desafiadora”, em que os autores se debruçam sobre o cenário dos mecanismos de alienação e exploração do sistema capitalista hegemônico, situando aí o desafio de uma formação humana político-pedagógica, que precisa abarcar a relação do imaginário com o saber, e desta com o conhecimento dos próprios sujeitos, por meio de uma educação orientada para a práxis que se tece em diálogo com os processos relacionados à estruturação do trabalho, da cultura, das ciências e das tecnologias com os processos educativos, entendidos estes como práticas sociais que se produzem no âmbito das relações sociais de classe e que são, por sua vez, partes constituintes dessas relações. O artigo conclui que em uma época de transição paradigmática civilizacional é necessário pensar o processo educativo e reestruturar o próprio pensamento contra-hegemônico comprometendo-se com a construção de um novo paradigma civilizacional para além da lógica de acumulação e exploração do capital.

Ainda efetuando uma análise político pedagógica, o Ensaio “‘Transver’ o ensino: reflexões sobre (in)disciplina e transdisciplinaridade”, das autoras Sâmela Faria e Jacqueline de Souza Gomes, aborda a indisciplina como uma das principais queixas no ambiente escolar e, por isso, questiona o próprio conceito de disciplina e perspectivas que defendem o ensino disciplinar. Com base no pensamento de Morin sobre complexidade, bem como fundamentada em uma pesquisa bibliográfica em autores como Bellhooks, Michel Foucault, Paulo Freire, entre outros, o texto promove uma ruptura com o conceito linear de disciplina, representante de uma prática escolar tradicional normatizadora que promove práticas fragmentadas e excludentes que veem o diverso como inadequado e contribuem para uma escola desprovida de sentidos. O artigo reflete sobre o disciplinamento atrelado à lógica

normatizadora das práticas opressoras e de dominação do outro. A partir desta análise, apresenta como forma de superação dessa lógica nas escolas a educação como prática da liberdade, alicerçada na concepção de “transdisciplinaridade”, refletindo sobre a reprodução de relações de poder pela escola que disciplinam e anulam as subjetividades, bem como sobre a necessidade de redimensionamento de padrões, normas, regras, relações de poder, de dominação, opressão e de disciplinamento dos corpos.

Buscando tecer relações e diálogos entre os contextos político e cultural dos sujeitos das classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), o artigo “O que dizem os professores/as da Educação de Jovens e Adultos sobre a Interdisciplinaridade: dificuldades e possibilidades de uma práxis transformadora”, de autoria de Cristino Cesário Rocha e Maria Clarisse Vieira, o qual consiste em uma pesquisa qualitativa realizada em uma escola pública do Distrito Federal, em que se procurou conhecer o que dizem os professores/as da EJA sobre a interdisciplinaridade, bem como apreender usos e sentidos para além das práticas pedagógicas, de modo a identificar e analisar a práxis dessa forma de conhecimento em seu contexto. A conclusão aponta para a viabilidade interdisciplinar na EJA, ressaltando que apesar dos entraves do sistema do capital, a educação crítico-reflexiva de cunho libertador é um dos passos significativos para o enfrentamento da estrutura do capital e, conseqüentemente, de promoção de uma nova sociedade, assim o “difícil não se cristaliza como impossibilidade”, apresentando a interdisciplinaridade como instrumento de conhecimento que problematiza, tematiza e possibilita mudança.

Também efetuando uma análise a partir da perspectiva docente acerca de questões que afetam a sua prática, em especial os projetos e o currículo escolar, o artigo “Os projetos da escola pública e a produção de ausências epistêmicas: a interdisciplinaridade como construção de diálogos na escola”, de autoria de Paulo Afonso do Prado, Aline Rosa Valente Vieira, Maristela Barenco Correa de Mello e Yuri Marx Silva Milagres, problematiza a lógica produtora de ausências epistêmicas implícitas nos projetos temáticos das escolas da rede pública de educação, em especial analisando as propostas do Currículo e do Projeto Político Pedagógico de um colégio da rede pública do Estado do Rio de Janeiro, mesmo quando estes projetos buscam seguir as diretrizes da legislação educacional brasileira que aspira uma perspectiva interdisciplinar. A partir de uma análise teórico-epistemológica com base no questionamento docente destes projetos e a partir em diálogo com o referencial teórico de autores que buscam propor outros sentidos para o tema em questão, como Santos, Foucault, Lopes, Morin, Larrosa e Maturana, o artigo conclui que os projetos não alcançam nem a transversalidade nem a interdisciplinaridade necessária para alcançar a complexidade do conhecimento, podendo acentuar ainda mais a polaridade dos tempos atuais.

Na mesma discussão de uma investigação sobre os sentidos da interdisciplinaridade na compreensão dos docentes, o artigo de Maria de Fátima Gomes da Silva e Iolanda Mendonça de Santana, intitulado “Interdisciplinaridade nas práticas docentes de professores e professoras da educação básica” apresenta resultados de uma pesquisa-ação, que concebe a interdisciplinaridade como *práxis*, que teve por objetivos identificar estas vivências nas práticas das docências, em duas escolas públicas municipais do município de Nazaré da Mata, Estado de Pernambuco, assim como registrar narrativas metodológicas inovadoras adotadas pelos docentes da Educação Básica do município em questão e aplicar, com base em proposições das mesmas, atividades que incentivassem a vivência da interdisciplinaridade. Destaca-se que a pesquisa em si trouxe contribuições para a tal nas práticas docentes do grupo investigado, bem como possibilitou o exercício de perspectivas inovadoras nas metodologias adotadas pelos sujeitos da pesquisa. Assim, os resultados sugerem a necessidade de se investir

em uma formação docente na direção da investigação, da redescoberta e da construção coletiva do conhecimento.

Esta chamada temática tem dois artigos que efetuam discussões que abarcam as escolas, mas refletindo sobre a especificidade sobre a educação inclusiva. O primeiro artigo “A interdisciplinaridade nas salas de recursos multifuncionais: uma integração em busca da promoção do aluno com necessidades especiais no atendimento educacional especializado”, de Georgia Mansur, Márcia Fitaroni e Geórgia Regina Rodrigues Gomes, efetua uma pesquisa bibliográfica qualitativa, tendo como aporte teórico Fazenda, Freire, Pereira, Salgado e Souza, Gil, Demo, entre outras leituras, apresentando a relevância do tema em questão junto às salas de recursos multifuncionais, visando a promoção no processo de ensino aprendizagem dos alunos com necessidades especiais. O artigo apresenta a interdisciplinaridade como uma proposta para a promoção do processo de ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, no atendimento educacional, junto a equipes multiprofissionais, concluindo que a atuação interdisciplinar, nestas salas multiprofissionais, proporciona uma gama de olhares diferenciados sobre uma mesma conjuntura, o que possibilita a construção de subsídios para promoção destes alunos no processo de ensino aprendizagem, sendo também subsídio ao docente especialista, que por muitas vezes se vê sozinho neste processo.

O segundo artigo que aborda a educação inclusiva, “Interdisciplinaridade e espaços dialógicos na educação inclusiva” de autoria de Rafaela Pacheco Nacinovic e Maria Goretti Andrade Rodrigues, aborda a interdisciplinaridade em um diálogo imprescindível das áreas de saúde e educação, pois analisa que a educação especial teve seu início profundamente marcado pelo campo da saúde e o modelo biomédico de deficiência. Contudo, apesar do avanço das políticas públicas no sentido de uma concepção biopsicossocial, a hegemonia do campo biológico ainda perdura, provocando explicações unilaterais para esses modos de existência. A proposta do artigo é analisar, a partir do prisma da interdisciplinaridade na educação inclusiva, as possibilidades de articulação dialógica para a superação da hegemonia da medicina sobre a educação especial. São analisados dois conceitos previstos na organização da educação inclusiva: a “intersectorialidade” nas ações e o caráter “transversal” da educação especial. A cartografia é trazida como viés metodológico enquanto criador de espaços comuns. O artigo apresenta ainda um relato de experiência que traz a intersectorialidade como princípio dinamizador do diálogo entre os atores implicados na educação do aluno. A interdisciplinaridade abre espaços comuns na escola, e a intersectorialidade amplia o contato entre saúde e educação, trazendo à cena outros profissionais, a família e a comunidade. O artigo conclui que este diálogo entre os saberes e a superação da hierarquia biomédica cria condições para que outras disciplinas contribuam com a educação especial.

Em “Currículo e Interdisciplinaridade: o que dizem os estudantes de um Mestrado Profissional em Educação”, de autoria de Mariana Aranha de Souza, Juliana Marcondes Bussolotti, Virginia Mara Próspero da Cunha e Ivani Catarina Arantes Fazenda, as autoras situam a discussão entre Currículo e Interdisciplinaridade – situando-as em uma perspectiva de empoderamento e emancipação, a partir de textos produzidos de 97 mestrados, matriculados dos anos 2017 a 2019, em uma disciplina do curso de Mestrado de uma Universidade do Vale do Paraíba Paulista, intitulada “Escola, Currículo e Diversidade”. De natureza qualitativa, a pesquisa propõe uma discussão teórica sobre os conteúdos dos textos em questão, resultando em três unidades temáticas: o conceito de interdisciplinaridade como interligação entre os saberes, o seu caráter complexo e complementar; e a demarcação cada vez mais tênue entre as fronteiras do conhecimento; a compreensão da polissemia do conceito

de interdisciplinaridade, a partir de três lógicas distintas: epistemológica, instrumental e fenomenológica – e a complementaridade existente entre elas; e, por fim, a relação entre interdisciplinaridade e currículo, que promove um alargamento no olhar, por meio de suas relações ambíguas e complexas, contribuindo para a efetivação de um conhecimento poderoso, que emancipa e empodera.

Com um enfoque específico na Educação Infantil, o estudo “Interdisciplinaridade no âmbito da Educação Infantil: uma revisão sistemática”, Debora Nascimento de Lima, Ana Carla Souza da Silva Cassimiro e Amanda Oliveira Rabelo, buscou destacar áreas do conhecimento, projetos, processos metodológicos, objetivos e os resultados compreendidos, através de uma revisão sistemática a partir de uma busca do tema ‘interdisciplinaridade na educação infantil’, no Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e no Google Acadêmico, registrando, inicialmente uma dificuldade ao buscar especificamente pela faixa etária, observando que a interdisciplinaridade está presente mais em trabalhos referentes ao ensino fundamental e médio. Entretanto os resultados mostram que há uma diversidade de resultados, práticas interdisciplinares relacionadas à Educação Física e à Educação Ambiental, bem como o foco em trabalho com projetos. O ponto em comum dos artigos encontrados é a perspectiva de discutir como a realização destas práticas ainda é encarada como grande desafio nos contextos escolares, reconhecendo as dificuldades no processo e defendendo o diálogo, a possibilidade de comunicação e o fortalecimento das relações.

Para finalizar a chamada, apresentamos o artigo “A interdisciplinaridade no atual cenário educacional” de Conceição Solange Bution Perin e Silvana Malavasi, porque este efetua uma análise da interdisciplinaridade no atual cenário educacional brasileiro a partir da consideração acerca das mudanças sócio-político-econômicas ocorridas com a globalização e o uso das tecnologias, bem como da estagnação da educação nas últimas décadas. O objetivo principal do artigo é tratar sobre o tema central como metodologia de ensino capaz de abranger uma visão mais ampla da realidade, possibilitando um conhecimento que promova a unificação entre a teoria e a prática – uma temática que muitos acreditam que está ultrapassada de tanto que já se debateu sobre a mesma, mas que nós organizadoras da sessão temática consideramos que ainda está distante de acontecer nos meios escolares, em seus diferentes níveis. Neste sentido, as autoras se embasam metodologicamente na História Social e se fundamentam em autores que pesquisam e defendem o trabalho interdisciplinar como meio otimizador da qualidade educacional, tais como Heloísa Lück, Gaudêncio Frigotto, Ivani Fazenda, Ivone Yared, Dermeval Saviani, etc., ressaltando que compreendem a educação como questão a ser analisada concomitantemente às demais relações que permeiam a organização social.

Concordando com as autoras deste último artigo que a interdisciplinaridade não é um termo novo, pois desde a década de 1970 esta temática já era discutida no Brasil, entretanto após meio século, ele ainda não está totalmente entendido (Perin e Malavasi, 2020), queremos destacar a relevância desta chamada temática, em especial nesta época atual que carece, mais do que nunca, de compreender a interdisciplinaridade como algo necessário, visto que o modo de pensar fragmentado e descontextualizado já não atende às exigências da realidade humana, como analisou Frigotto (2008).

Agradecemos aos autores que enviaram artigos para esta chamada temática, motivando-nos a conhecer várias questões que envolvem o tema. Também agradecemos aos alunos da disciplina “Ensino Interdisciplinar” do Programa de Pós-Graduação em Ensino, do campus do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES), da Universidade

Federal Fluminense (UFF), que fica na região noroeste do Estado do Rio de Janeiro, no Município de Santo Antônio de Pádua, Área de Concentração Diálogos Interdisciplinares no Ensino, e aos seus orientadores, que aceitaram o desafio da disciplina de refletir sobre esta questão em consonância com os seus trabalhos docentes e acadêmicos, alguns dos quais foram escolhidos para esta chamada. Queremos, também, convidar a você leitor a se deter sobre os 10 artigos que se seguem, que são ricos em sua diversidade de questões, mas com a temática da interdisciplinaridade em comum e as discussões atuais em torno dela, tanto epistemológicas, políticas, pedagógicas, docentes, entre outros aspectos. Convocamos a você, leitor, a refletir sobre esta temática unindo a teoria e prática, em um diálogo entre várias áreas, em um movimento de diluir as especialidades em um atravessamento de abordagens, sentidos e vivências, que são tão presentes nas escolas e universidades, mas muitas vezes ausentes nas suas práticas.

## Referências

- Frigotto, G. (2008). A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. *Ideação*, 10(1), p. 41-62. Recuperado de <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143>
- Larrosa, J. (2003). O ensaio e a escrita acadêmica. *Revista Educação & Realidade*, 8 (2), p. 101-115, jul.-dez.
- Maturana, H. (2005).  *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG.